reportagem cultural

Pioneiro dos programas de auditório no RS

Marcello Campos, especial para o JC*

Com seu apelo popular, perfil multifacetado e vasta rede de amizades, Antonio 'Piratíni' Amábile acabou recrutado pela radiofonia porto-alegrense que ensaiava um processo de consolidação no qual o entretenimento dispunha de generosos espaços na grade diária. A estreia se deu em 1930, integrando como flautista o grupo do maestro Octávio Dutra, na PRC-2 Gaúcha (oficialmente inaugurada no final de 1927). Entre um e outro número ao microfone, o rapaz de 24 anos passou a incluir anedotas e intervenções cômicas que logo angariaram a simpatia dos ouvintes e do poeta e agitador cultural Ovídio Chaves, então diretor artístico da emissora.

O chefe antenado convenceu os donos da estação, em 1933, a contratarem o elemento como membro fixo do *cast*, na dupla função de músico e humorista. Incumbido de organizar divertidíssimos esquetes de radio-teatro com outros colegas, aproveitou a deixa para também montar o seu próprio conjunto: o antológico Regional de Piratíni, com ele na flauta, Edmundo 'Carne Assada' Vaz no cavaquinho, Victor 'Japonês' Abarno e Taty 'Bode' Meirelles nos violões, mais Matheus 'Caco Velho' Nunes no pandeiro – este último, posteriormente, o mais famoso do quinteto e único a gravar discos, como cantor e ritmista (no Brasil e na França, onde residiria em 1955-1957).

Presença contínua como nome principal ou acompanhante em sambas, choros e outras bossas na Gaúcha, a turma coestrelou o programa *PRK-Cachaça*, com estreia às 21h do dia 13 de novembro de 1934. O professor e pesquisador Arthur Ferraretto resume: "Porto Alegre ganhou uma 'emissora' que, liderada por Piratíni como debochado *speaker,* satirizava durante meia hora a própria estética radiofônica da época. Pela primeira vez com estrutura definida, montava-se um programa humorístico no Rio Grande do Sul. Sem os mesmos recursos, mas com objetivos parecidos, antecipou o que comunicadores fariam no Rio de Janeiro a partir do final daquela década".

O prestígio e espírito inventivo de Piratíni foram coroados com sua transferência para a Difusora, três anos depois. De outubro de 1937 a fevereiro de 1949, ele esteve à frente do primeiro programa de auditório em uma rádio porto-alegrense. Era a *Hora do Bicho*, pioneiro também entre os concursos de calouros nas estações gaúchas. Aspirantes à fama enfrentavam o julgamento por apresentador e plateia, em uma vibrante atração semanal. Quando o candidato rodava no teste, um sádico e retumbante gongo se ouvia no estúdio. Já o aprovado recebia coroa e trono no palco, até ser superado por outro concorrente ou chegar ao prêmio final – Teixeirinha foi um deles.

"Não havia rádio, em casa de pobre ou de rico, que não sintonizasse o programa máximo de Porto Alegre", relembraria o jornalista Ney Fonseca em reportagem para a Revista do Globo de abril de 1961. Isso sem contar o público aglomerado no lado de fora do prédio (na Rua da Praia), das 10h ao meio-dia de domingo, sem conseguir acesso – o jeito foi transferir o programa para o Cinema Rex, em frente à Praça da Alfândega. Aliás, raras foram as vezes em que o comunicador se ausentou da função – exceção conhecida foi a pausa de aproximadamente três meses para uma excursão com seu Regional pela Argentina e Uruguai, em 1938.

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Amábile com seu Regional de Piratíni na Rádio Gaúcha, em registro de 1937

O mesmo pique e audiência cativa seriam mantidos em outras realizações sob o seu comando na PRF-9. "Em junho de 1943, por exemplo, ele lançou *O Dobro ou Nada*, transmitido nas noites de terça-feira e no qual não faltavam quadros interessantes para os ouvintes e plateia, incluindo dezenas de cruzeiros em prêmios a quem respondesse corretamente a perguntas, adivinhações, charadas etc", acentua o biógrafo Israel Lopes. "Um dos momentos mais aguardados era o 'Poço da Sorte', em que os acertadores tinham o direito de enfiar a mão em um recipiente repleto de dinheiro vivo e dali retirar quantas cédulas fossem capazes."

Uma joia de cidadão

"Rádio não é propriamente o meu ganha-pão, o microfone dá apenas para a manteiga", declarou Piratíni à Revista do Globo em outubro de 1941. Não se tratava de mais um blague. Em paralelo à carreira de músico e *entertainer*, Antonio Amábile tinha como palco em horário comercial a atividade de sócio da Joalheria Amábile, fundada em 1935 na avenida Otávio Rocha nº 85. A loja começara na esquina da rua Vigário José Inácio, com a pequena oficina de ourivesaria e consertos A Garantia, inaugurada dez anos antes pelo irmão Henrique. De ajudante, o caçula passou a gerente e, por fim, teve seu nome incluído na razão social da firma.

A presença constante de Piratíni no balcão acabou por tornar o estabelecimento também um óbvio ponto de encontro para a classe artística – o próprio Edmundo 'Carne Assada' Vaz, parceiro de Piratíni no conjunto musical e em esquetes humorísticos, constava entre os 13 funcionários. Esportistas igualmente batiam ponto no local, não apenas por conta do profundo envolvimento de Henrique com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (no qual exerceria a vice-presidência social durante a década de 1950), mas da gentileza constante dos donos em regalar medalhas e "finos mimos" a ganhadores de torneios, concursos de misses e outros eventos – inclusive radiofônicos.

ACERVO ISRAEL LOPES/REPRODUÇÃO/JC



Em 1944 no lendário *Hora do Bicho*: "o microfone dá apenas para a manteiga"

O livro *Piratíni e a Hora do Bicho,* de Israel Lopes, não descarta a hipótese de a necessidade de maior dedicação à joalheria ter motivado Antonio a se afastar dos microfones, no início de 1949. Menos atarefado, o especialista em gargalhadas abraçou seu mais sério desafio então: o amparo a colegas economicamente vulneráveis na velhice. O estalo lhe ocorrera durante certa noite de inverno, ao reconhecer entre os bancos da Praça da Alfândega um ex-violonista, encolhido de frio e com dedos inertes por uma paralisia. Aquele testemunho o sensibilizou de tal forma que, horas depois, já havia esboçado o plano para fundação da Casa do Artista Riograndense.

"Dotado de carisma e grande capacidade de articulação nos meios sociais e culturais, ele conseguiu unir diversos setores de Porto Alegre para criação de um local de acolhimento capaz de cuidar plenamente de idosos (inclusive no âmbito da assistência médica) sem condições financeiras para se manterem", enaltece a produtora cultural e museóloga Carla Menegaz no livro *Casa do Artista Riograndense – Um Abrigo de Muitas Histórias* (edição independente, 2018). Fundada em 23 de abril de 1949, a instituição teve Antonio Amábile como primeiro presidente, além de diversos nomes da imprensa em sua comissão diretiva e na lista de colaboradores fixos.

Localizada na rua Anchieta nº 280 (bairro Glória), a entidade ainda hoje dá guarida a veteranos com trajetória profissional ligada à cultura no Rio Grande do Sul. Eles não apenas recebem teto, alimentação e acompanhamento de saúde, como também a oportunidade de protagonizar saraus, oficinas e bate-papos, em um espaço com 14 quartos, ambientes coletivos, área verde e memorial dedicado ao fundador – em destaque, um retrato pintado a óleo pelo gaúcho Heitor Celi e até uma pequena capela em frente à casa, onde são depositadas flores em memória de Piratíni. Tudo bancado por parcerias, projetos culturais e apoio da comunidade – a chave pix é 88.316.336/0001-09.



Fachada da Joalheria Amábile, em foto restaurada de 1938